



Narrativas transmídia e o ensino remoto de telejornalismo

Cárlida Emerim¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O artigo reflete a noção de narrativa transmídia aplicada ao ensino remoto de telejornalismo. Para tanto, o texto inicia com a perspectiva teórica em torno do prefixo trans, da palavra transmídia e a relação que estabelece com a narrativa audiovisual. Depois, apresenta algumas vivências de ensino de telejornalismo que tem sido desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Graduação em Jornalismo. Na sequência, propõe-se problematizar as condições de ensino e de aprendizagem na perspectiva do remoto/online/virtual e a distância aplicado ao telejornalismo. Por fim, objetiva-se refletir sobre as possibilidades e as restrições do ensino remoto de telejornalismo com fluxos e permanências de um contexto transitório ou permanente. Com este propósito, convocamos a experiência particular, o cotejamento teórico entre a convergência e os processos sócio-técnicos embasados em estudos de caso e na semiótica discursiva.

Palavras-chave: Telejornalismo; Ensino remoto; Transmídia; Tecnologia; Experimentação.

1. O que há de novo?

Em tempos de televisão digital, internet, convergência das mídias e novíssimas tecnologias, também temos o objetivo permanente lembrar o passado, discutir o presente e apontar caminhos para o futuro. Não necessariamente um futuro único, pré-programado ou (pré) destinado, principalmente, a um segmento tão dinâmico como o da produção de notícias na televisão. (BRASIL: 2002, 19).

¹ Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos. Professora e pesquisadora na Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Líder do GIPTele/UFSC/CNPq; Coordenadora da Rede Telejor (2020-2022). carlida.emerim@ufsc.br

A mudança, sempre a mudança. Esta é a resposta mais objetiva e direta para a pergunta do título desta seção tendo em vista que, no campo do jornalismo, a única constante é, de fato, a mudança. Mesmo assim, há sempre preocupação e um pouco de resistência quando se aparecem mudanças tecnológicas principalmente por estas interferirem, nem sempre de forma positiva, na sociedade como um todo, em seus diversos âmbitos.

É comum afirmar que jornalistas não são adeptos de mudar suas práticas e rotinas, o que é quase uma falácia, pois o jornalismo é um dos campos nos quais a tecnologia e os processos de inovação sempre estiveram presentes, oferecendo novas formas de transmissão de dados e informações. Quase falácia porque é preciso lembrar que todo processo que envolve seres humanos sempre haverá diversidade e diferença, portanto, pode ocorrer sim que alguns jornalistas não sejam lá muito adeptos às mudanças, o que não é privilégio, bem verdade, apenas desta profissão.

Ocorre que muitas das resistências dos jornalistas para com as mudanças advém da apropriação mais comum que a indústria de comunicação faz de muitos processos e estruturas tecnológicas que provocam, a seguir, ações em cascata. Ou seja, a redução de postos de trabalho resulta em equipes reduzidas que precisam dar conta de muito mais quantidade de atividades e, portanto, ficam sobrecarregadas o que, por sua vez, precariza a profissão e, por fim, prejudica aquilo que é mais caro ao jornalista: a perda potencial na qualidade e no aprofundamento da produção de conteúdo jornalístico.

Esta contextualização foi necessária para poder sustentar a discussão a que se pretende tendo em vista que, por mais que não pareça, os rumos do mercado interferem consideravelmente nas modalidades de ensino de jornalismo, principalmente na graduação, caso aqui estudado. Muito antes de o mundo ser acometido por esta pandemia, o telejornalismo e, por consequência, os modos de ensino de telejornalismo já vinham sendo repensados a partir das mudanças estruturais vividas na última década em torno do aprimoramento das ferramentas e popularização da internet.

É por todo este contexto que o artigo quer levantar algumas questões e prospectar possibilidade em torno do ensino remoto de telejornalismo refletindo a partir da noção de narrativa transmídia. O texto se divide em quatro etapas, além desta introdução, discute, primeiramente, a perspectiva teórica em torno do prefixo trans, da palavra

transmídia e a relação que estabelece com a narrativa televisual. Na sequência, além de apresentar algumas vivências de ensino de telejornalismo também propõe-se problematizar as condições de ensino e de aprendizagem na perspectiva do remoto/online/virtual e a distância aplicado ao telejornalismo. Encerra com uma reflexão a partir de possibilidades e restrições em torno desta modalidade de ensino com o objetivo de cotejar teoricamente a convergência e os processos sócio-técnicos tomando como base os pressupostos dos Estudos de Caso e da Semiótica Discursiva.

2. Trans – tele – jornalismo – narrativa – transmídia e relações

Uma das situações mais complexas, quando se estuda as mídias eletrônicas, é que a velocidade de mudanças impostas pelo desenvolvimento das tecnologias e, o processo ininterrupto de inovação, dificultam o amadurecimento de conceitos e definições.

Para os pesquisadores em televisão e telejornalismo, sabe-se que estas questões ou condições técnicas de produção interferem diretamente nas rotinas e nos conteúdos. Portanto, muitas vezes, o que propõe como conceitos ainda estão em discussão no campo, mas passam a ser adotados como conceitos operacionais pelos grupos de pesquisa que se dedicam a investigar o jornalismo para telas. Assim é com o conceito de telejornalismo que, durante muito tempo limitou-se a definir formatos específicos e a apenas um suporte, a televisão, por se acreditar que o prefixo tele referia-se somente a ela. Mas os estudos contemporâneos permitem afirmar que tele refere-se a telas, portanto, tem-se adotado a perspectiva do jornalismo para telas em diferentes plataformas e suportes como a definição de telejornalismo, assim como enfatizam EMERIM, FINGER e CAVE-NAGHI (2017). Nesta proposta, o que caracteriza telejornalismo é o conteúdo jornalístico desenvolvido para ser exibido em qualquer tela de visão que tenha a capacidade de transmitir a distância, característica da tela da televisão, dos computadores, dos smartphones, etc.

Diferente do *tele* que mantém um estigma determinante, o prefixo *trans* carrega uma gama de aplicações de sentidos, muito embora ele tenha a noção etimológica de “além de”, “para lá de” e “depois de” sempre remetendo ao que está à frente, prospectando ações/situações. De certa forma, ao pensar em *tele* como transmissão a distância,

pode-se fazer um esforço em aproximar ao *trans*, pois, veja bem, ambos são prospectivos – transmitem além de – são além de; transferem algo/dados para outro/para além. E, nessa direção, é possível uma articulação entre tele e trans o que possibilitaria pensar numa condição basilar de um estado de mudança, um tipo de texto (tal como o compreende a semiótica) propício a modificações prospectivas, em permanente inovação, gerando renovação, reconfiguração, novos processos e produtos.

Ampliando esta reflexão, têm-se o termo transtextual ou transtextualidade que é também definido pela Semiótica como intertextualidade, a saber:

Este termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com os outros textos. (CHARAU-DEAU e MAINGUENEAU, p. 288, 2020)

Um texto que estabelece relações com outros textos se aproxima muito da natureza do texto televisivo que, desde o seu surgimento, apropriou-se das modalidades existentes constituindo um híbrido, ou seja, um transtexto, intertexto, o texto televisivo. Como se pode mostrar em publicação recente², o texto televisivo é atravessado por diferentes linguagens que resultaram numa linguagem complexa e intertextual. A perspectiva da linguagem televisiva é aplicada também ao texto do jornalismo televisivo que recorre as gramáticas específicas de produção da televisão e dos preceitos de produção e conteúdo do jornalismo, o resultado é uma proposta de gramática específica para o jornalismo para telas, tendo em vista que o suporte televisivo segue sendo a matriz produtiva para outras plataformas audiovisuais. Nessa direção, cabe integrar ao trabalho o termo transmídia, transmedia que, como bem aponta Fechini (2013) foi adotado num primeiro momento de forma “simplista”, designando coisas diferentes como sinônimos, dificultando a compreensão de sua especificidade e diferencial.

A imprecisão conceitual é ainda maior porque o termo “transmídia” difundiu-se, primeiramente, no Brasil, a partir da descrição proposta por Jenkins (2003, 2008, 2010) da chamada *transmedia storytelling*, uma das principais formas de transmidiação, mas que, nem por isso, pode ser tomada como seu

² Livro publicado em 2019 pela autora no qual se explicita o percurso de construção do texto televisivo contemporâneo.

sinônimo porque designa apenas uma das suas manifestações. (FECHINI e *et all*: 2013, p. 20)

Complementando ao que Fechini apresenta, Finger (2012) também demonstra a necessidade de se pensar de forma clara sobre os conceitos, tanto é que discute *cross-media* e *transmedia* e a relação que estabelece com o telejornalismo. Nesta perspectiva, como interessa pensar *transmídia*, Finger esclarece que:

(...) *transmedia* é a integração de conteúdos e meios com o objetivo de evidenciar a colaboração do usuário, que passa a ter vez e voz. Ele é o foco das atenções, como inventor de produtos e narrador de experiências. (FINGER: 2012, p. 124).

Articulando estes elementos trazidos pelas duas pesquisadoras pode-se intuir que *transmídia* está na hibridação de conteúdos, remetendo a perspectiva de mistura não só de conteúdos televisuais como de gramáticas o que resulta em uma linguagem televisual forjada na intertextualidade, oriunda de transformações. Se a televisão nasce apropriando-se de linguagens já existentes, já nasce intertextual e, portanto, *trans-midiar* pode ser, também, um aspecto natural da essência televisual. Corroborando com esta premissa, Fechine (2013) ainda nos reforça que:

É nessa “*mídia regente*” que se desenvolve o teto de referência (um programa narrativo principal) a partir do qual se dão os desdobramentos e articulações. Adotando essa posição, podemos propor, então, que “*conteúdos televisivos trasmídias*” são conteúdos articulados em torno de um texto de referência veiculado pela TV que, por operar como a *mídia de base*, rege os seus desdobramentos e complementações em outros dispositivos. (FECHINI et *all*: 2013,p. 29).

Voltando para o telejornalismo, nosso texto de referência, considera-se que para o jornalismo para telas, ou seja, que aqueles fatos selecionados para virarem notícia na tevê já trazem características que os distinguem para a exibição em tela (EMERIM: 2012). Desta forma, os fatos depois de tratados discursivamente para a *mídia tevê* constituem-se em produtos ou conteúdos *transmídia* em potencial devendo, então, ser analisados para se compreender as interlocuções internas e externas que realizam e estabelecem.

Na sequência das propostas conceituais recorre-se a definição operacional de narrativa que, como define Emerim (2012), seguindo a concepção semiótica, assume que a narrativa é o princípio organizador de qualquer discurso no qual inclui-se personagens que realizam ações (pg. 76). Na narrativa televisual, esses princípios surgem de diferentes gramáticas articuladas constituindo, assim, um produto televisual, no caso específico que interessa este artigo, um conteúdo telejornalístico.

A discussão aqui apresentada, embora muito objetiva, se propõe a trazer a noção essencial do modo de funcionamento do conteúdo telejornalístico visando auxiliar a pensar e a problematizar o ensino remoto de telejornalismo. Para tanto, é necessário agora, trazer alguns exemplos que podem nos subsidiar a reflexão.

3. O desafio de ensinar telejornalismo: algumas experiências

A princípio, por base, um curso de graduação em jornalismo tem por função formar um profissional com as condições de atuar no mercado de trabalho, analisar e criticar o seu próprio fazer, buscando melhorias e soluções para sua atuação em prol do desenvolvimento pessoal, de sua equipe/empresa e da sociedade. Na área específica do telejornalismo, as principais mudanças não interferem no estatuto de credibilidade nem do de produção, mas criam possibilidades que exigem conhecimentos antes restritos a funções muito técnicas e que não envolviam, por exemplo, repórteres, apresentadores, produtores ou as chefias. Os cursos de graduação em jornalismo, por natureza, não trabalhavam a perspectiva empreendedora ou, ainda, noções de comando/chefia. Por muitos anos era mais comum aos formados em jornalismo ocupar postos em empresas de comunicação do que gerenciar/comandar seu próprio negócio.

Outra dimensão se refere ao conhecimento de produção (não somente a captura) e edição de conteúdo em audiovisual/televisual jornalístico: ao invés de fazer um produto e replicar, as plataformas e suportes da atualidade exigem um produto para cada tipo de tela. O que aliás, diga-se de passagem, com a diminuição no número de profissionais nas equipes fortalece este modelo antigo replicador de um só produto. Não há problema em ter apenas um produto e replicar em várias plataformas, porém, é preciso ter em mente que o resultado será de acordo com a opção. Num mundo ilimitado de



ofertas, os diferenciais aplicados para cada espaço específico têm conseguido potencializar a informação e a difusão desta informação em vários outros locais.

Além de todos estes argumentos, o mundo entra em 2020 no estado de pandemia que torna emergencial e urgente o uso de sistemas remotos para quase tudo no dia a dia do planeta. De repente, não há mais possibilidades de interação, reunião, aglomeração presencial. O telejornalismo, por essência, trabalho de equipe e o ensino de telejornalismo, por natureza, mais individualizado, são obrigados a repensar suas essências e a produzir conteúdo para ações e funções totalmente remotas. Nesta perspectiva, um caminho que vem sendo apontado é o da produção de narrativas transmídia considerando a potencialidade desta forma de expressão e difusão de notícias. No telejornalismo contemporâneo, não se tem muitas experiências diferenciadas porque há muito a perder caso não dê certo. Por isso, quando o contexto de inovação e a imposição com as novas formas tecnológicas exigem adaptações, a produção de conteúdo em telejornalismo precisa focar na melhor forma de informar, para além do simples emprego de novidades.

No campo do ensino, o que se tem desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina no Curso de Graduação em Jornalismo é investir na formação prática de qualidade, exercitando desde as primeiras fases o desafio de produzir conteúdo telejornalístico de forma mais imersiva possível. Imersão significa promover uma simulação que estimule os estudantes a exercitar os prazos, as relações éticas envolvidas, a abordagem e as repercussões. Uma das estratégias para se conseguir essa aproximação com o real se dá pelos projetos permanentes de programas de jornalismo e de telejornais de mídia e curta duração produzidos no curso pelos alunos, em disciplinas ou projetos de extensão. Nestas experiências de ensino de telejornalismo, os alunos são orientados a ter autonomia – o que os faz ter a experiência de escolher as pautas e as angulações temáticas, a iniciativa de ir atrás das pautas e aprender a produzir as reportagens e a buscar soluções para as situações difíceis que aparecem ao longo da execução. Quanto mais os alunos se envolvem com este tipo de ensino, mais aprendem sobre a postura profissional, o envolvimento com as fontes, as pressões sobre erros e acertos e, por fim, experenciam, sob diferentes aspectos, os processos produtivos diários³.

³ Muitos exemplos de programas e projetos podem ser encontrados em livros e artigos científicos, publicados ao longo de 30 anos pelos professores que ministram ou ministraram disciplinas de telejornalismo

No âmbito da preparação de cada aluno, o Curso de Graduação em Jornalismo da UFSC sempre investiu em turmas menores (máximo 15 em sala e aula) e numa forma mais individualizada de ensino (por exemplo, trabalhando postura, respiração, projeção da voz, estilo pessoal adaptado aos textos e narrativas telejornalísticas, potencializando as particularidades de cada aluno. Este ensino individualizado e em menor número permite preparar melhor cada profissional de acordo com suas características e aptidões.

Para dar conta desta modalidade de ensino, o JOR UFSC mantém um estúdio de televisão completo, inclusive com uma ilha de edição e switcher profissional, além de uma sala de redação equipada com computadores e softwares de edição. Desde a primeira fase os alunos recebem formação nas práticas concomitante aos preceitos teóricos e reflexivos. Neste uso de equipamentos e fazeres, os alunos aprendem a atuar nestes diferentes espaços assim como a perpassar pelas funções do processo produtivo, tais como a de produtor, pauteiro, cinegrafia, edição e, até mesmo, chefia/gestão.

Essa forma de ensino se pauta no fazer como base do aprendizado, pois se o aluno sabe, conhece as práticas (sabe desenvolver as rotinas) ele compreende com mais profundidade em que e como, exatamente, deve aplicar os preceitos éticos, estéticos e de linguagem. Essa forma de ensino tem se mostrado eficaz e eficiente há quarenta anos, sucesso medido pela inserção e projeção dos alunos do JOR UFSC no mercado de trabalho assim como no universo da pesquisa com a crescente ampliação do número de profissionais com qualificação científica em nível de Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado, em atuação tanto no mercado da mídia quanto no acadêmico.

Até Março de 2020, antes da pandemia de Covid 19 obrigar as universidades e escolas no mundo inteiro a suspender as aulas presenciais, a modalidade de ensino remoto era aplicada em recurso mínimo, pelo menos no Brasil, que se reduzia a um máximo de 20 por cento das cargas horárias das disciplinas ministradas no ensino superior, dentro dos 200 dias do calendário letivo anual. A situação extrema e o longo período paralisação exige que se proponha novas formas de ensino de telejornalismo, sendo o ensino remoto uma realidade imposta a um sistema muito enraizado e consistente volta-

na UFSC, a saber Sergio Matos, Fernando Crocomo, Antonio Brasil, Áureo Moraes, Nilson Lage, Cárilda Emerim, entre outros.

do par o ensino presencial, de interação humana direta na supervisão das práticas de aprendizagem em telejornalismo.

4. Possibilidades e restrições do ensino remoto de telejornalismo

Na secção anterior foi necessário explicitar, de forma breve, a rotina e a estrutura empregada para o ensino presencial trazendo alguns argumentos para demonstrar alguns motivos de sua eficácia. Nesta secção é necessário trazer algumas situações, contextualizar e levantar as possibilidades e restrições longe de enfatizar os juízos de valor sobre a modalidade remota. O objetivo é o de refletir e auxiliar nas proposições que possa permitir aos alunos seguir recebendo uma formação que os prepare, de fato, para a atuação profissional ética e de qualidade. Nos últimos meses algumas postagens têm ajudado a refletir sobre o ensino de jornalismo remoto, em especial o telejornalismo, ao apresentar propostas de lugares diferentes. Em maio, o *Knight Center of Journalism in the Americas* publicou em seu blog algumas soluções de docentes da América Latina para enfrentar o ensino remoto de jornalismo. Entre universidades particulares do Brasil, Chile e Colômbia, a distribuição de cotas de internet aos alunos de forma gratuita e do empréstimo de equipamentos ociosos dos laboratórios institucionais foram algumas das ações, além da flexibilização de práticas e de conteúdos através da oferta de materiais audiovisuais para acesso gratuito como vídeos educativos e livros bem como horários de monitoria ao vivo. Toda esta estrutura e ações voltadas para a adaptar currículos e a manter os alunos em aula está fundada num comprometimento do indivíduo professor que, diante deste contexto, teve suas atividades amplamente aumentadas e com a criação de novas demandas, sem contudo, mudar a remuneração e, em muitos casos, sem o devido apoio institucional para uma infraestrutura mínima de trabalho.

Nesta perspectiva, uma questão que se apresenta para o ensino remoto em telejornalismo é a estrutura, ou, a infraestrutura do ensino de telejornalismo – estúdio (local adequado) e equipamentos (luz, câmeras, ilhas de edição, softwares, etc) – no chamado *home office* dos professores. A princípio, o termo *home office* que se traduz literalmente por trabalho em casa deve significar trabalho em espaço alternativo, de forma a ser uma opção diferente do que se tem em lugar “oficial”. Neste caso, se é necessário ministrar

uma disciplina de telejornalismo o estúdio e toda a sua infraestrutura são importantes, mas a questão é se são imprescindíveis. Antes, porém, de chegar na sala de aula e no ensino, pensemos num outro contexto.

A geração de alunos digitais, ou, melhor, a geração de alunos de posse da extensão de seus próprios corpos chamada de celular. Desde o início dos anos 2000 professores tem se deparado com “outra pandemia”, tecnológica e permanente, que tem mudado os hábitos da população mundial com o uso de aparelhos de comunicação portáteis. As inovações nestes aparelhos os foram tornando cada vez mais presentes e imprescindíveis. Do celular tijolão que parecia mais um rádio comunicador dos anos 1980, temos hoje um mini aparelho, leve, sensível ao toque que permite uma comunicação quase completa. Pois, as tecnologias desenvolvidas permitem ao celular contemporâneo, o smartphone principalmente, não somente transmitir mensagens em vídeo (gravadas ou em tempo real) mas também capturar mensagens em diferentes formatos e recriar os dados, transformando em outras mensagens com os softwares de edição em áudio e vídeo, que dirá de imagens gráficas e fotográficas. Quase tudo é possível realizar (no caso do nosso tema – produzir) com um aparelho de celular potencializado pelo compartilhamento de dados móveis e pelas redes de interação social que reproduzem os conteúdos produzidos com velocidade e largo alcance geográfico. Ou seja, a produção de conteúdo remoto já vem sendo experimentada por uma parcela significativa de jovens na sociedade contemporânea, através dos celulares com aplicativos e softwares das mais diversas versões.

Retomando, assim, a sala de aula e o ensino de telejornalismo, estes jovens chegam às universidades com um certo domínio de ferramentas através do uso em celulares. E o celular (e bem verdade outros equipamentos portáteis como tablets e notebooks) tem sido utilizado como um equipamento de facilitação de práticas de produção de conteúdo para o ensino de telejornalismo. A diferença de uma prática comum que chega a sala de aula como experiência pregressa dos alunos é que no ensino superior, na graduação em jornalismo, apropria-se este conhecimento técnico e o utiliza para qualificar o processo, qualificando cada etapa, demonstrando, através da reflexão, do estudo das linguagens, dos preceitos éticos e do estímulo a experiência produtiva a importância daquele resultado, daquele produto jornalístico na e para a sociedade.



Em outra direção, em início de agosto de 2020, o site *TheVJ.com* publicou um material enfatizando o uso do celular (de uma marca específica em razão de sua especificidade e qualidades técnicas) como uma ferramenta diferencial e importante na construção de uma nova forma de narrativa que o autor, Michael Rosenblum, definiu como “novo videojornalismo”. A ênfase, para o autor, está na forma considerada por ele criativa de mesclar traços do drama e do entretenimento nas narrativas telejornalísticas e, assim, resultar em boas histórias contadas em reportagens diferenciadas. Ou seja, um celular que tenha potencial de produzir som e imagem de qualidade pode (e já é, há muito) um equipamento fundamental para o jornalismo para telas contemporâneo, sendo que seus produtos tanto podem ser visibilizados em redes locais e nacionais, como em redes sociais e plataformas de acesso livre e mundiais.

Como se tem visto nas inúmeras publicações da Rede Telejor ao longo dos anos, de certa forma, o ensino presencial de telejornalismo já vinha agregando novas possibilidades produtivas a partir de suportes possíveis, também como forma de driblar a falta de infraestrutura e de investimentos na educação tecnológica na graduação em jornalismo, tanto em universidades públicas quanto em particulares. Tanto não é novo este desafio que pode-se citar vários exemplos de produções de professores de telejornalismo em diferentes universidades brasileiras como as de Cristiane Finger e Fábio Canatta, na PUC/RS; de Vitor Belém na UFS/SE; de Beatriz Cavenaghi no IELUSC/SC e tantos outros que tem desenvolvido experiências diferenciadas, experimentando novas possibilidades de ensinar a fazer jornalismo para telas⁴.

Na UFSC, há quase nove anos, a experiência do telejornal TJUFSC tem sido diferenciada em termos de experimentação de ensino produzindo uma prática intensiva de ao vivo, buscando produzir com a estrutura possível, seguindo a máxima do idealizador do projeto, Antonio Brasil, de “fazer com o que se tem”, uma espécie de guerrilha tecnológica⁵, motivando a criar e a experimentar sem se submeter a condições ideais ou estruturas imobilizantes. Em comum, estes projetos têm a força na formação ou na bus-

⁴ Muitas destas experiências estão descritas e problematizadas no volume seis da Coleção Jornalismo Audiovisual, editado pela Rede Telejor junto com a Editora Insular, em 2017, referenciado na bibliografia.

⁵ Proposta explicitada no livro BRASIL, Antonio. Telejornalismo, Internet e Guerrilha tecnológica. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

ca pela formação do aluno, foco na autonomia e na criatividade para fortalecer o conteúdo em jornalismo para telas. E, ao driblar a dificuldade em exibir materiais em bandas oficiais de tevê, os projetos foram expostos em outras plataformas, ganharam as redes sociais podendo se apresentar para públicos ilimitados. Públicos, estes que se inspiram e acabam, também, motivando-se a aprender (e a ensinar) com propostas semelhantes. O resultado deste tipo de ação, ou seja, o produto produzido por estas experiências podem ser consideradas conteúdos transmídia, tendo em vista que se utilizam de referências no televisual, incorporam outras ferramentas e modelos para difundir em diferentes plataformas e suportes.

A experiência do TJUFSC enfatiza este tipo de narrativa ou de conteúdos transmídia constituindo-se num espaço interno no Curso de Graduação em Jornalismo da UFSC que oferta aos estudantes, futuros jornalistas, uma experiência em tempo real que ultrapassa o aspecto de treinamento. Aliado as diferentes disciplinas do curso, a atuação voluntária dos alunos no projeto lhes garante uma experiência para além dos estágios em emissoras, proporciona uma atuação orientada, supervisionada pelos professores coordenadores que analisam e estabelecem estratégias de orientação individual de cada participante, auxiliando na melhoria dos processos de atuação, realização e produção de cada aluno em cada uma das funções que exercem.

Fundado em 2012, o projeto já ganhou vários prêmios, pois os voluntários e bolsistas fixos se dedicam a produzir reportagens tanto as factuais que recobrem a situações cotidianas internas e externas ao campus da UFSC em Florianópolis como pautas especiais e séries, onde exercitam a investigação, o contraponto e as diversas formas de buscar uma fonte e uma informação. Promovem grandes coberturas de eventos nacionais e internacionais e mobilizam estudantes em intercâmbio em diversos países (e, também, em diferentes cidades brasileiras) para atuarem como correspondentes do telejornal, mantendo uma rede de notícias ampla e com uma oportunidade para si e para os outros de exercício diário de produção em telejornalismo.

Embora a UFSC mantenha no JOR um estúdio equipado com as mínimas condições de produção, a maior parte dos estudantes do projeto produzem com equipamentos próprios que, além de celulares e smartphones, também utilizam máquinas fotográficas que permitem a captura de áudio e vídeo. E, nestas condições, surgem muitos experi-

mentos na tentativa de responder a divulgação da informação dentro das condições que se tem disponível, ou seja, eles não deixam de produzir o material informativo pelas questões técnicas, ao contrário, desenvolvem soluções criativas para a produção. Muitas destas soluções acabam se tornando uma característica forte da equipe do TJUFSC e serve de inspiração para outros grupos de alunos em diferentes universidades que também se dedicam a produzir materiais telejornalísticos⁶. É importante salientar que não se trata de um projeto estruturado e supervisionado pela Assessoria ou pela Agência da universidade, é produzido pelos alunos do JOR com supervisão de professores e sem as amarras de uma linha editorial institucional, ou seja, é uma oportunidade de aprendizado real das relações entre público e canal/equipe, com o feedback dos usuários/espectadores e cobranças em torno dos produtos exibidos que não só passam nas redes sociais do próprio TJUFSC como, também, na tevê institucional da UFSC, a TV UFSC, canal aberto, ligado a TV Brasil e disponível em sistema net digital⁷.

Ou seja, o resultado do uso de instrumentos e/ou equipamentos não profissionais na prática produtiva diária das sociedades tem migrado para as emissoras profissionais e, em consequência, também para o ensino de telejornalismo (o jornalismo para telas), moldando uma formação mais eclética e coadunada com um mercado, cada vez mais restrito e “miniaturizado”, em termos de equipes e estruturas produtivas.

Cabe, também na sequência desta discussão, ponderar sobre as restrições. Adaptar currículos e práticas de ensino não devem ser realizadas de forma abrupta, para dar conta de uma situação extrema, tenho em vista que alunos não são números e devem apenas manter-se em processo de aula. É necessário um esforço para repensar o ensino e, a partir de estudos, criar estratégias de ensino remoto não adaptado dos currículos presenciais, mas que respondam a um tipo de formação específica, aprimorando o indivíduo para a prática em telejornalismo a partir das características das ferramentas específicas do ensino remoto. A adaptação pode e deve ser implementada, mas considerada uma adaptação transitória, para auxiliar aos alunos e professores a aprender e apreender

⁶ É importante frisar que o JOR UFSC tem esta característica de produção em tempo real não apenas no telejornalismo, mas também nos suportes em radio web, jornal laboratório impresso e on line, portais de notícias e fotojornalismo. Para mais informações, acessar www.jornalismo.ufsc.br.

⁷ A história e trajetória do telejornal universitário TJUFSC pode ser conhecida no livro lançado em 2018 pela editora Insular, referenciado na bibliografia deste artigo.

uma nova forma de ensinar um fazer essencial as sociedades democráticas que é o jornalismo de modo geral e, o telejornalismo, como modo de acesso mais popular, por enquanto, no território brasileiro.

Na mesma direção, as desigualdades geopolíticas no Brasil são catalisadoras da exclusão informacional dificultando e, até mesmo, impedindo o acesso de muitos (alunos e professores) ao sistema e logística do ensino remoto. Dar conta destas idiossincrasias estruturais não deve ser dever do professor, pelo contrário, a ele deve estar destinado o papel de pensar e refletir formas educativas e estratégias de aprendizagem dentro deste novo ecossistema. Porém, muitos professores não têm o acesso e nem a infraestrutura necessária para poder compreender o sistema e, a partir do uso, pensar sobre as formas de ensino remoto mais eficazes para os conteúdos que ministram.

Do ponto de vista da formação, toda a digitalização de processos, a redução das equipes profissionais e a precarização do trabalho do jornalista profissional no Brasil tem impactado o ensino de telejornalismo em diferentes aspectos. Um deles é o de formar jornalistas que possam pensar em trabalhar de forma autônoma, sem empregar-se, necessariamente, numa empresa tradicional de comunicação. Para tanto, o ensino precisa ofertar possibilidades de experimentação e desafios a serem vencidos, para preparar o futuro jornalista a buscar os espaços e oportunidades empregando os preceitos do jornalismo ético, comprometido com o social e de qualidade, independente das condições de produção. De forma remota, este tipo de ensino precisa trazer exemplos e motivar a produção, estabelecer uma rotina de troca entre os alunos e o professor, de modo que não somente o professor ofereça materiais, mas que os alunos possam buscar situações que auxiliem a observação e a análise coletiva.

Há que se pensar, porém, que a diversidade em excesso pode acarretar a dispersão da atenção no modo remoto tendo em vista a capacidade de cada indivíduo de focar, na tela, as diferentes opções, o que lhe exigiria muito mais atenção e concentração. O desafio nesta condição é o de equilibrar e dividir a atuação, pois não é produtivo centrar o foco na fala e na imagem do professor. Muito menos fazer longas exposições em tela exibindo tanto esquemas escritos quanto vídeos. O tempo das aulas, a quantidade e a complexidade de conteúdos precisam ser definidos a partir da equação tempo de tela =

tempo de atenção⁸, porque acima de tudo o foco no ensino remoto de telejornalismo precisa ser o conteúdo, a construção e conteúdos estéticos e éticos, comprometidos com pautas de relevância social, não necessariamente equivalente à índices de audiência, com respeito ético aos cidadãos e ciente da importância e da relevância do papel do jornalismo televisivo no processo de distribuição de notícias em diferentes telas.

O ensino remoto é uma realidade que veio para ficar, mas precisa ser compreendido com suas limitações e, mais importante, ele não extingue o ensino presencial, são potenciais articuladores de uma formação mais eficaz e eficiente, mas se colocados em lugar um do outro, podem enfraquecer o telejornalismo e a função social do jornalismo neste novos contextos sociais.

Referências

- CARLÓN, Mário; FECHINI, Yvana (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.
- EMERIM, Cárilda. *A análise da narrativa televisiva: do programa ao texto*. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana (orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
- _____. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.
- _____. (org.). **TJUFSC – a experiência de uma escola de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2018.
- _____; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio. **Desafios do telejornalismo: ensino, pesquisa e extensão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. Florianópolis: Insular, 2017.
- FINGER, Cristiane. *Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital*. In: Revista Em Questão. Porto Alegre. Volume 18, n. 2. p. 121-132. Jul/Dez, 2012.
- FECHINI, Yvana, GOUVEIA, Diego; ALMEIDA, Cecília; COSTA, ESTEVÃO, Flávia. *Como pensar os conteúdos transmídia na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo*. (19-61). In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes (org.). **Estratégias de transmídia na ficção televisiva brasileira**. Rio de Janeiro: 2013.
- JOYCE, Vanessa Higgins; LUBIANCO, Júlio. *Pandemia de COVID-19 força professores de jornalismo da América Latina a adaptar currículo e recursos para ensinar online*. In: <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-21817-pandemia-de-covid-19-forca-professores-de-jornalismo-da-america-latina-adaptar-curriculo>, acessado em 04 de Junho de 2020.
- ROSENBLUM, Michael. *The new television journalism*. In: <https://www.thevj.com/vjworld/the-new-television-journalism/>, acessado em 05 de Agosto de 2020.
- SCOLARI, Carlos A.. **Narrativas transmedia – cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Centro de Libros PAPP (Grupo Planeta), 2013.

⁸ Sobre esta situação há um artigo publicado no El País on line que ajuda entender alguns destes aspectos. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-06/por-que-as-videoconferencias-nos-esgotam-psicologicamente.html?ssm=FB_CC&fbclid=IwAR2aWBaYJsIo-PSUo-gOKa47VTonRIZ0Zcn-JNcbRGq38Zsw5qcsiDs8hTY, acessado em 10 de Junho de 2020.